A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 42 | Domingo 15 de outubro | 1893

OLIVEIRA MARTINS

ESCREVER uma biographia de Oliveira Martins é facil; a sua vida, sem ter sido d'uma tranquillidade vulgar, não é todavia tão rica de embaraços e aventuras que desespere a paciencia do biographo. Examinar a sua obra é difficil; d'uma vastidão assombrosa e por igual profunda, d'uma variedade que comprehende todos os ramos do saber humano, para critical-a e percebel-a em toda a sua extensão é necessario medir o talento pela altissima bitóla do auctor, e os talentos d'essa grandeza são raros. Felizes as gerações que podem orgulhar-se de ter possuido um só d'essa medida, que no futuro as represente! Traçar um retrato de Oliveira Martins é inteiramente impossivel; o retrato demanda fixidez de linhas, e não pára um instante essa phisionomia unica e extraordinaria, em que ao historiador succede o philosopho, ao poeta o pensador, ao economista o moralista, ao critico o homem pratico, substituindo-se todos tão rapidamente que se confundem e convertem o individuo em multidão. Quando o pensamento attinge a actividade propria d'um espirito como o de Oliveira Martins, não ha olhos nem mãos que traduzam graphicamente o seu movimento; aqui e além segue-se e reproduz-se durante breves momentos um traço, uma linha, logo perdida e quebrada por culpa e fraqueza da tarda sensibilidade do espectador. E estes retalhos dispersos e desconnexos são tudo o que póde ficar da analyse de tão estranha organisação; ninguem até hoje fez o seu retrato completo, e ousarei mesmo dizer que não será provavel que venha a fazer-se, tão confiado estou na difficuldade de tal trabalho. Perdoe-me o illustre escriptor e meu amigo sr. Moniz Barreto, cujo estudo de Oliveira Martins é, a meu vêr, o melhor que tem sido publicado. Agora mesmo o reli e, confirmando o elogio que d'elle fiz em outro tempo, repetindo que o julgo verdadeiro em quasi toda a sua extensão, senão mesmo na totalidade, acrescentarei que é incompleto.

Para demonstrar a verdade da minha affirmação, para demonstrar a impossibilidade de fixar um retrato de Oliveira Martins, não procurarei citações e documentos. Invoco o testemunho dos que, uma vez que seja, passaram os olhos por toda a sua obra e, á maneira dos magistrados que requerem exame directo para instruir os seus processos, requeiro tambem o exame do photographo. Nunca vi dois retratos iguaes de Oliveira Martins; ha em todos um innegavel parentesco, um ar de familia, como é uso dizer-se, mas, se nos caracteres phisicos procuramos um reverbéro da sua alma, uns dirão ironia, outros audacia, outros rigidez, e todos ficarão perplexos, presentindo o quer que seja vago, fluctuante, indecifravel que nos escapa.

Talvez assim, discorrendo sem methodo nem proposito de concluir, chegassemos a determinar um dos caracteres dominantes da phisionomia de Oliveira Martins; talvez esta successão de estados d'alma, illuminados todos com igual intensidade, todos igualmente e superiormente lucidos, talvez esta mobilidade dentro d'uma actividade e d'uma luz constantes seja um dos elementos substanciaes do seu espirito. Mas não é agora o melhor momento de o estabelecermos... Sejamos methodicos.

I

Não merece a pena pararmos a apontar os incidentes da vida de Oliveira Martins, d'essa vida que chamarei exterior, para a distinguir d'uma outra, interior, da vida do seu espirito, da formação do seu pensamento e da sua alma. Não que a primeira seja menos honrosa que a segunda; pelo contrario, é uma pagina nobre da sua existencia, um dos mais valiosos dos seus pergaminhos. Mas póde reduzir-se a muito pouco; é por sua natureza tão breve como brilhante.

Nasceu em Lisboa e ahi passou a mocidade, ora nos collegios e escolas, ora trabalhando para viver, que para elle os meios de vida economica não abundavam.

Ainda muito novo, tendo já perdido seu pae, com familia a seu cargo e nenhuns meios de existencia ou quasi nenhuns, não se deixou ficar pelas arcadas do Terreiro do Paço, atulhando de memoriaes a farta sobrecasaca dos conselheiros, esperando com resignação as boas graças dos ministros d'el-rei, pedindo a esmola de que em melhores tempos foi tão prodigo o *Diario do governo*. Só do seu braço e do seu esforço confiou o pão de cada dia, e iremos encontral-o, ora voluntariamente desterrado durante quatro annos, entre mineiros, na árida e núa Estremadura hespanhola, ora entre os humidos pinheiraes do nosso Minho sombrio, construindo uma via férrea, sem temer o sol, a chuva, as intemperies, em contacto intimo com a gente rude e com a natureza vivificante. Depois, tendo entrado na politica, voltou para Lisboa. Poucos cargos publicos tem exercido, e esses mesmos por pouco tempo. O homem de lettras tornou-se dominante; é elle quem lhe consome a maior parte do seu tempo e lhe dá a principal occupação.

Não querendo insistir na significação de nobreza que a sua existencia independente importa, n'um paiz habituado a viver das esmolas, em que a mendicidade é geral desde as creanças que nas estradas, entre os campos, perseguem os viandantes, até ás secretarias d'estado, herdeiras directas e reconhecidas da clientela dos conventos, voltando a pagina para tirarmos dos olhos do publico este vaso sagrado da dignidade, tão recatado e intimo que todo o olhar estranho o offende, ainda mesmo quando é de respeitosa admiração, uma cousa notarei na vida de Oliveira Martins que me parece caracteristica: e é que, fossem quaes fossem as condições economicas da sua existencia, nunca influiram na actividade do pensador; trabalhou e escreveu sempre. Se ha vocações, esta é uma d'ellas; a preoccupação das cousas do espirito, a sêde de saber e de alcançar a verdade assim como um ardente desejo de realisal-a sobrelevam n'elle a todos os embaraços da existencia, antepondo-se-lhes e revelando-se predominantes.

É este o traço que convém guardar e fixar n'este primeira parte da sua biographia.

II

Primeira, sim, pela ordem natural, por se antecipar aos demais modos de existencia, por se manifestar anterior a qualquer outra e evidente para os olhos mais vulgares como para os mais penetrantes; primeira por ser uma realidade palpavel, mas secundaria, muito secundaria, n'uma organisação em que a chamma interior do pensamento amesquinha e escurece os frouxos lampejos da existencia physica. Mais alta e mais luminosa, desprendida da miseravel condição humana, a vida de Oliveira Martins é a vida do seu espirito e está marcada indelevelmente na obra gigantesca em que deixa memoria da sua propria grandeza e padrão de orgulho da geração que o possuiu.

Póde desvairar-nos um instante uma critica estreita e a paixão momentanea, mas, se reflectimos e nos deixamos dominar d'uma justa e serena imparcialidade, a obra de Oliveira Martins mostra-nos com uma evidencia esmagadora um espirito superior.

Um homem que estudou os fundamentos e a historia da sua nação e da sociedade em que vive, que d'este caso individual passou ao estudo da humanidade, desde a sua base animal até á florescencia abundante que foi a sociedade romana, tendo passado por minucioso exame singular a historia da religião, da riqueza e das instituições primitivas, e que d'ahi deduziu regras de vida pratica e tirou ensino para a solução dos problemas sociaes contemporaneos, póde dizer-se que percorreu todo o caminho que é dado percorrer ao pensamento humano; não houve região em que não penetrasse, não houve segredo cuja existencia ignorasse. E, se o fez profundamente, se caminhou esta longa estrada attentando bem nas trevas cerradas e nos campos luminosos que a ladeiam, se caminhou d'olhos abertos e pôde communicar aos estranhos as innumeraveis impressões d'essa jornada, que a humanidade repete sempre sem fadiga, com uma obstinação que é inseparavel do seu destino, esse homem foi incontestavelmente um dos mestres do seu tempo. Ora é certo que Oliveira Martins pertence a esse limitadissimo numero; prova-o a vastidão da sua obra e proval-o-á tambem a confissão dos seus contemporaneos que sinceramente quizerem dizer que impressão lhes deixou a leitura da *Bibliotheca das Sciencias Sociaes* e particularmente da *Historia de Portugal* e da *Historia Romana*.

Esses livros foram para nós uma revelação. Li a *Historia de Portugal* ha treze annos, conforme o velho

costume universitario, curvado nos bancos da aula, o livro sobre os joelhos, em quanto o lente fazia a prelecção; e lembram-me bem as palestras e as discussões entre os meus camaradas, a nossa surpreza e admiração, vendo Affonso Henriques de punhal nos dentes, quasi um bandido, e sabendo manchadas de pirataria e origem de ruinas as navegações e conquistas que a tradição nos déra como imaculada gloria. Mais tarde veio a *Historia Romana*, e uma nova lição nos foi dada, em que se nos ensinava a ligar o passado e o presente, em que se nos mostrou como o ultimo estava já no primeiro, com todas as suas duvidas, com todas as suas penas, com todos os seus elementos de grandeza ou mesquinhez. Hoje que são passados alguns annos depois que recebemos a lição, facilmente nos esquecemos do mestre e facilmente nos parece banal o que ha pouco consideravamos uma nova descoberta. Para aquelles porém a quem a memoria não atraiçoa, Oliveira Martins ficará sempre o primeiro dos educadores da sua época.

Se no tumulto e confusão, que são o natural apanagio da vastidão e da fecundidade, alguma faculdade realça é a de representação, ou melhor, da reconstrucção psychologica, o dom de restaurar e de reanimar, para apresental-o aos estranhos, o espirito alheio. Esta intuição psychologica é a faculdade dominante de Oliveira Martins e ultimamente revelou-a brilhantemente nos *Filhos de D. João I*. É por meio d'ella que nos ensina a historia, fazendo representar os homens no scenario que lhes convém, em logar de narrar factos e espraiar-se em descripções, como é proprio da chronica. Assim nos captiva a attenção; temos deante de nós um theatro; nem ouvimos um orador nem uma narração singela e descuidada. A faculdade artistica casando-se com o conhecimento dos factos completou o historiador.

Outro tanto não direi dos seus trabalhos de exposição scientifica. Ahi os instinctos de artista e as preoccupações philosophicas, que na historia o auxiliam, prejudicam-n'o. Exorbitando dos limites das verdades certas e demonstradas, entra afoitamente na emaranhada floresta de problemas que as sciencias sociaes encerram e, deixando transparecer intuitos philosophicos, toda essa parte da sua *Bibliotheca* é tanto uma lição de philosophia como de sciencia. Fica d'esse modo fóra do alcance do maior numero; o que não lhe prejudica o merecimento, é de vêr. Particularmente os *Elementos de chrematistica* são um trabalho originalissimo e do maior valor, sem precedentes na litteratura estrangeira.

É forçoso ser breve; não cabe em tão summaria resenha, e muito menos ainda na minha capacidade, apontar as variadas aptidões de Oliveira Martins reveladas na *Bibliotheca das Sciencias Sociaes*. E por isso, para concluir, registarei apenas a impressão geral que essa publicação deixou.

Muito antes de concluida, os creditos de Oliveira Martins estavam firmados; unanimemente, póde dizer-se sem exaggero, era reconhecido como um escriptor de profundissimo saber, como nm grande educador da sua geração e principalmente como um notabilissimo historiador. Mas, quasi unanimemente tambem, era tido como um pessimista, depreciando systematicamente o passado e o presente, as acções mais applaudidas e os homens mais louvados, sem que d'um modo positivo e terminante nos tivesse dito ainda o que para o seu espirito representava a sociedade ideal. N'um paiz que do dogmatismo jesuitico saira sem transicção para o dogmantismo politico, representádo na liberdade, a critica e a analyse revelando a face multipla dos homens e das cousas era tida como um principio de negação. E essa suspeita, ha muito latente, confessava-se abertamente quando o *Portugal contemporaneo* nos mostrou anarchia, desordem e os mais vís interesses na epopêa liberal que sonharamos um heroico martyrio — suspeita que se manteve até que em 1885 a *Politica e Economia nacional* lhe veio pôr termo, mostrando-nos d'um modo preciso, que excluia toda a duvida, o programma politico de Oliveira Martins.

III

Este anno de 1885 marca uma nova era na existencia de Oliveira Martins; termina a sua vida de estudo e abre um novo periodo, este agora de acção na politica, pelo jornalismo e pelo parlamento, e mais tarde, durante curtos mezes, como ministro da corôa. Divisão só apparente, não duvidarei affirmal-o, por extravagante que tal juizo pareça; porque nem a politica destruiu ou sequer desvairou o historiador — pelo contrario, exaltou-o; provam-n'o os *Filhos de D. João I* em que a benefica influencia da experiencia politica é manifesta — nem o seu papel de educador terminou.

Não são por certo as numerosas leis e decretos, as muitas refórmas, como se diz em vulgar, e muito menos ainda os numerosos despachos de amigos e afilhados para os logares publicos, a larga distribuição das prebendas politicas, que mostram a influencia individual sobre a sociedade politica; fóra d'essa influencia, tão pequenina como ephemera, e muito superiormente a ella, está a d'aquelles que sem outras armas que não sejam a persuasão, a critica e o saber movem os homens e indirectamente determinam o movimento das cousas. Encarada assim a influencia politica, ninguem do nosso tempo a teve superior á de Oliveira Martins. Foi elle quem apressou a quéda do uitimo gabinete Fontes, analysando na *Provincia*, jornal que creára no

Porto, os erros da sua administração, tornando conscientes e reflectidos os males que o paiz sentia instinctivamente e activando por isso o desejo de lhes pôr termo; foi elle quem nos iniciou na politica de protecção industrial e de fomento economico, em contraposição ás liberdades de todo o genero em que a sociedade portugueza dissolvia — e dissolveu por largos annos, infelizmente — todos os vinculos e todos os elementos de cohesão que poderiam conserval-a estavel e homogenea, educando a critica economica e politica, seguindo passo a passo a nossa administração. Foi elle quem nos ensinou a respeitar a tradicção e a dar-lhe todo o peso e valor que realmente lhe cabe; foi elle quem nos ensinou a contar, mostrando-nos a importancia dos numeros e a necessidade de observar, sob pena de ruina, o movimento da riqueza d'um paiz, tão exacta e escrupulosamente como se fosse uma casa commercial; foi elle finalmente que, alliando o exemplo á propaganda, nos deu com o seu projecto de lei sobre o fomento rural a mais notavel base de reforma que a historia do regimen liberal regista entre nós, depois dos decretos de Mousinho da Siiveira e do codigo civil.

Que as suas ideias não se tornassem em toda a sua latitude uma realidade nas instituições e nos costumes, importa pouco para avaliarmos a sua influencia; contrariadas pelo desregramento de costumes e por causas historicas que era impossivel anniquilar rapidamente, ficaram todavia no espirito publico como a medida da justiça e sã razão, e tanto basta para devermos consideral-as dominantes. Oliveira Martins não transformou nem podia transformar os homens do seu tempo, a que foi confiado o governo da nação; não podia apagar dos corações as ruins sementes que um máu acaso n'elles tinha lançado; mas podia pela critica lavrar-lhes a sentença de condemnação e moderar assim a grandeza dos nossos males, legando aos vindouros uma lição proveitosa, e ahi a sua influencia foi preponderante.

D'este modo, a vida de Oliveira Martins, que apparentemente se nos mostra cortada cerce em dois periodos differentes e quasi oppostos, um de repousada paz de estudo, o outro de tôrva agitação politica, transformação que o roubou á tranquillidade do seu lar e á admiração geral para, em proveito da sua terra, o expôr ás intrigas e ás infamias dos mercadores politicos, sob aspectos superficialmente tão differentes a sua vida conservou-se d'uma unidade perfeita. Na febre das vigilias ou entre as paixões politicas, tem sido sempre o mesmo e o melhor dos educadores da nossa geração, ensinando-nos a pensar e a observar e instigando-nos ao cumprimento do dever de que no proprio sacrificio nos dá o exemplo.

IV

Essa influencia politica e social de Oliveira Martins cresce ou diminue? Se me é dado aventurar-me a previsões, direi que é possivel, e até provavel, que a influencia de Oliveira Martins afrouxe um momento, mas que não ficará por isso prejudicada a gloria do seu nome. Os tempos correm adversos ao seu criterio philosophico; a renascença idealista é certa e, se houve espirito receioso de illudir-se, se houve quem temesse affirmar foi Oliveira Martins.

Elle mesmo se encarrega de nos definir o seu criterio n'esta pagina do bello estudo que precede a edição completa dos *Sonetos* de Anthero de Quental: «. . . eu, como critico, observando que o pensamento humano, desde que existe e trabalha, progride sempre, com effeito, mas progride em tres estradas parallelas, que, por serem parallelas, nunca podem encontrar-se, atrevo-me a affirmar a irreductibilidade do mysticismo, racional ou imaginativamente concebido, e do naturalismo, ponderada ou orgiacamente realisado. Atrevome a dizer que estes dois feitios ou temperamentos são constitucionaes do espirito humano, e que da coexistencia necessaria d'elles resulta um terceiro — o scepticо, o critico, o que provém da comparação de ambos, e por isso não tem côr, nem é affirmativo; dando-se melhor com a natureza do que com a phantasmagoria, preferindo a harmonia mais ou menos equilibrada, ou mais ou menos clandicante do hellenismo, á orgia desenfreada dos orientaes; considerando a existencia como um compromisso, o dever como uma condição da vida, mas tambem a fraqueza como uma condição dos homens.» Ora nós vemos que a uma epoca de scepticismo philosophico vae succeder uma outra de resurreição religiosa; a uma epoca de negação vae succeder uma outra de affirmação positiva. Todos os symptomas a annunciam. Na batalha entre a Razão e o Sentimento, as probabilidades de victoria são por este ultimo; a humanidade renega o saber pela felicidade e, não tendo podido encontral-a no racionalismo, menospreza-o. E claro está que as obras que nos desvendaram os olhos de illusões, sem por isso nos augmentarem a felicidade, seja qual fôr o seu valôr, soffrerão, n'um futuro que se annuncia proximo, um momento de esquecimento, um breve eclipse.

Mas não é por ahi que havemos de aferir o seu merecimento. Este ha-de medir-se pela relação entre as obras e a sua epoca, pela significação d'aquellas relativamente á sociedade de que provinham e a que eram destinadas e ainda principalmente pela significação que têem como documentos da capacidade humana. D'este modo, Oliveira Martins ficará no futuro como um dos mais proeminentes vultos, e o mais extraordinariamente fecundo espirito do seu tempo.

Caldas da Felgueira, 3 de outubro de 1893.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

POLITICA SEM POLITICA

Foi a segunda *semana dos mestres d'obras!*

Andava-se por ahi a apregoar, que o fundo da nossa ruina eram os roubos, malversações e outras traficancias da nossa administração publica. Apontavam-se os altos réus de taes façanhas, e que até, alguns, mais de uma vez pareciam haver sido surprehendidos, como vulgarmente se diz, com a bocca na botija.

Tudo engano!

O sr. ministro das obras publicas, com a mais indomita coragem, resolveu-se a tirar o caso a limpo, e secundado pelo juiz Veiga, tudo ficou liquidado, com honra para a nação.

Por junto, todo o nosso tão fallado Panamá reduz-se a trez ou quatro mestres d'obras, que perpetraram o *gancho* profissional, levando para casa quatro sarrafos de madeira e duas duzias de tijolos.

E ainda bem que os levaram e isso se verifica, pois se o não tivessem feito, ainda a estas horas estariam, no mundo das suspeições, pagando os innocentinhos por estes terriveis bandidos, que, se os deixassem, seriam capazes de esgotar as forças vivas da nação, banqueteando-se sardanapalescamente com os tijollos da publica administração.

Ah! justiça, justiça! Não, não és uma palavra vã!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

No principio de agosto appareceu na praia da Ericeira uma franceza elegante, formosa, esbelta, de lindos olhos azues e de cabellos finos e louros como os da *Mimi Pinson*, de A. Musset.

Mimi Pinson
Etait une blonde

Installou-se em uma das melhores habitações da praia. Pela manhã, ia sentar-se solitaria sobre os rochedos mais distantes, e ali ficava horas e horas esquecida a lêr, e a contemplar o oceano. Em noites melancholicas de luar, abria a janella da sala; e os pescadores que então passavam para o mar, paravam um instante como extasiados, ouvindo-a cantar ao piano a aria triste da *Mignon*.

Connais tu le pays
Ou fleurit l'oranger?

Soube-se depois que uma velha e discreta criada, que ás vezes a acompanhava, lhe chamava familiarmente mademoiselle Mimi.

É, pois, á mysteriosa e loura estrangeira que attribuimos e agradecemos a seguinte carta:

O Ericeira, Ericeira! C'est toi que je veux chanter aujourd'hui. Je te chanterai en prose, car dans ce siècle prosaïque, la langue d'Apollon et des nephélibates n'est comprise de personne. Et pourtant, certes, tu mériterais bien qu'on accorde en ton honneur la lyre du poëte. Tu mériterais bien une ode, o Ericeira; que dis-je, une ode? une élégie, ou plutôt une bucolique, ce qu'il y a de plus pur en poésie, de plus simple, de plus agreste. Oui, une bucolique, car tu est simple, Ericeira, car tu as le cœur pur et tu es vertueuse; et le flot du monde passe à côté de toi et te dédaigne.

Où va-t-il, ce monde insensé? Il va dans ces plages à la mode, où la valse impure trône dans les casinos, où le démon du jeu exerce le soir et quelquefois le jour ses ravages, où les pick-nicks rassemblent des promeneurs de sexe différent; où l'on flirte, ô horreur! où l'on fait des toilettes suggestives dont la vue trouble le cœur des célibataires, race trop prompte à la tentation. Sur ces plages là, les langoustes sont hors de prix, et les propriétaires prennent un grand nombre de mil reis pour une maison qu'ils disent meublée, mais qui ne contient que quelques chaises boiteuses. La voilà, l'immoralité du siècle! Mais toi, Ericeira, tu ne penses pas ainsi, heureusement. La vertu, chassée de p rtout, s'est réfugiée sur ton sol béni.

On le devine d'ailleurs en entrant dans ta ville toute blanche, si propre à l'œil, où chaque maisonnette respire l'ordre, le bien-être, et la simplicité des vieux âges.

On y lave, on y frotte, on y repeint les murs à la chaux dès que la moindre tache vient à apparaitre. Car on ne veut pas de tache à Ericeira; et c'est un symbole, sachez le, o poêtes symbolistes qui m'écoutez, moi humble prosateur qui parle en ce moment. Les propriétaires de maisons y sont tous vertueux: vous demandez huit lits, ils vous en offrent dix. Les chaises sont solides, comme leurs principes; aucune crainte de faire une chûte; il y a de vrais meubles, de vraies batteries de cuisine, la verrerie, la vaisselle: ces choses sont prosaïques, mais nécessaires. J'écris d'ailleurs moi même en prose, et je reste terre-à-terre, quoique mon cœur déborde. O joie! ne devoir rien apporter avec soi aux bains de mer!

Trouver un homme bienfaisant, qui vous dit: Monsieur, tout ce qui est à moi est à vous. Et les toilettes simples, un peu défraichies peut-être, et de mode ancienne des promeneuses! Comme elles reposent l'imagination! Et les costumes de bains austères qui témoignent que la fatale coquetterie est inconnue dans cette ville!

Il y a un casino, sans doute, mais ce sont des journaux qu'on y trouve; et dans un salon, un piano, au dessus duquel une pancarte mélancolique indique toujours: valse, polka; mais c'est pour plus tard.

Il y a, croyez le, des distractions. Un prestidigitateur est venu; il a fait le soir quelque tours de passe passe. On l'a applaudi; il a fait disparaitre bien des choses à nos yeux ravis, mais il n'a pas fait disparaitre la vertu de cette terre. C'est un plaisir honnête que celui d'assister à des séances de prestidigitation; l'esprit est satisfait sans fatigue, et les battements du cœur ne s'accroissent pas au delà de ce qui est permis.

A quoi donc passe-t-on le temps à Ericeira? Tu le demandes, ô homme blasé, qui recherches les émotions dévorantes des plages à la mode? On a le bain du matin, et le premier déjeuner; puis on va voir arriver les barques de pêcheurs qui apportent le poisson: on le choisit et on l'achète soi même; puis le déjeuner de midi; puis la journée sur la plage, à bâtir, comme des enfants, des forteresses avec le sable. Le sommeil parfois aussi; la lecture qui distrait du sommeil ou qui l'amène, suivant le cas. Le diner; puis à 9 heures, tout le monde dort. Heureuse simplicité! Charmante pureté des mœurs antiques!

Mais cette plage est si belle; de hautes falaises la ferment de toute part; la ville, qui s'élève à droite, est toute imprégnée des exhalaisons de l'océan Cette poussière d'écume blanche, que la vague si forte lance en vapeur, on l'aspire toute la journée; le corps prend son bain de mer le matin, mais les inhalations salées sont de tous les instants; c'est l'âme elle même, si je puis dire, qui s'imbibe de sel. Et les belles nuits de clair de lune, qui pourra les faire connaître à ceux qui ne les ont pas vues!

Mais Ericeira a des rivales redoutables: la calomnie n'a-t-elle pas prétendu qu'on ne trouve pas de poisson sur cette plage? on l'a si bien, qu'on peut et qu'on doit le choisir soi même. Mais Ericeira est loin de Mafra; Ericeira est loin de Cintra. Et c'est une route bien dure à certains endroits que celle qui conduit de Cintra à Ericeira. Cette route sera-telle réparée bientôt? Pauvre Ericeira, on t'oublie, on te néglige, car je le répete, tu es vertueuse, et les hommes préférent trop souvent le plaisir a la vertu.

Mais dis moi; serait-il vrai qu'un jour tu te lasses de te voir si

peu comprise, et si mal récompensée de tes mérites? Serait-il vrai que tu voudrais imiter les plages à la mode, et que des idées impures pourraient un jour altérer ta candeur virginale? Oh! non, tu ne feras pas cela. J'en atteste la blancheur de tes maisons, la pureté de ton air vivifiant. Tu ne succomberas pas à la tentation de l'exemple. Tu garderas tes propriétaires serviables, tes baigneurs souriants, ton casino paisible. Tu ne voudrais pas avoir ce que l'on nomme ailleurs des saisons brillantes. Sur ton sol béni, les belles langoustes coûtent moins de cent réis, et elles en sont fières, les langoustes. Elles rougiraient, avant même d'être cuites, si elles devaient être payées plusieurs centaines de réis peut-être, quand les mœurs seraient venues à changer. O Ericeira, je t'en conjure; fais toujours venir des prestidigitateurs, cela suffit et cela est bien. Que jamais tu ne rêves de voir dans tes murs la belle Geraldine ou la belle Chiquita: car le sommeil alors fuirait bientôt ta paupière. Ou, du moins, si tu devais un jour, ce que je ne souhaite pas, étant ton ami, si tu devais changer tes mœurs simples, que ce ne soit pas avant deux ans; car je compte bien l'année prochaine, si je puis, retourner sur ta plage hospitalière.

MIMI.

As joias de D. Ignez de Castro e o calice d'Alcobaça

Ha justamente um seculo quem passasse por Alcobaça e tivesse entrada no famoso mosteiro da ordem de S. Bernardo, não lhe faltaria com que satisfazer a sua curiosidade de archeologo e de artista. O edificio, já de si um monumento grandioso, era um rico e variado museu, cheio de recordações historicas e de preciosidades de toda a especie. A bibliotheca faria o encanto d'um erudito, não só pelas suas raridades bibliographicas, como pela valiosissima collecção de manuscriptos, alguns d'elles caprichosamente illuminados. Os quadros, dissiminados pelo edificio e pela egreja, sobretudo os que adornavam a capella dos noviços, formavam uma galeria, que era por ventura a mais notavel do paiz. A sachristia era um inapreciavel thesouro pela antiguidade, pelo valioso da materia e pelo primor d'artificio de seus vasos e alfaias. Alguns d'esses objectos filiaram a sua prosapia historica nos despojos castelhanos da batalha de Aljubarrota. Outros vinham das mãos dadivosas dos primeiros monarchas. Beckford e Murphy — para não citar outros testimunhos — deixaram bem consignada nos seus livros a impressão de grandeza que lhes deixou Alcobaça.

Uma das curiosidades, verdadeira joia de ourivesaria, que os frades bernardos mostravam com muito orgulho ao viajante, era um calice de ouro, delicadamente cinzelado, e sobre a origem do qual debalde quebraram a cabeça os eruditos do seculo passado. Lavrado de meio relevo, completava-se a sua opulenta ornamentação com esmaltes e pedras preciosas. O seu peso era de 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas. Por occasião da extincção dos conventos, este calice foi trazido a Lisboa, e ficou depositado na Bibliotheca Publica, d'onde desappareceu, ao que se conjectura, para sempre. O ladrão, para apagar o menor vestigio do crime, só pensou no valor material, destruindo uma peça de extraordinario valor artistico. O que é para sentir é que d'ella não tivesse ficado um desenho, ou pelo menos uma descripção minuciosa, por onde podessemos fazer uma ideia, quanto possivel approximada, do seu estylo e da época em que foi executada[1].

D. Raphael Bluteau, o insigne philologo, teve occasião de examinar o calice, mas considerou-o mais como um problema cabalistico, do que como objecto de interesse puramente esthetico. Não foi tanto o trabalho de artista que o prendeu como a originalidade da inscripção gravada no vaso. Aquellas letras distribuidas mysteriosamente, prestando-se ás mais caprichosas interpretações, foram para elle como o segredo d'uma esphinge, que esperava o seu Edipo. E o erudito frade do Oratorio não se acobardou com a interrogação sybilina e imaginou ter resolvido satisfactoriamente aquelle terrivel problema epigraphico.

Em 1713 os theatinos festejaram na sua casa em Lisboa a canonisação de Santo André Avelino, e, segundo a praxe, coroaram a cerimonia com um certamen litterario, que durou dois dias. O primeiro foi consagrado a uma junta poetica, em que os lidadores de Apollo receberam oito premios; o segundo foi dedicado a uma assembleia d'outro caracter, puramente academica, em que se tratou de decifrar a inscripção do calice alcobanse. Propozera a these o proprio Bluteau, que leu uma larga dissertação sobre o assumpto, em que dispendeu não menos de duas horas. Em seguida leu o seu papel D. Manuel Caetano de Sousa, a quem foi concedido o premio: a imagem de Edipo victorioso e á sua vista a esphinge vencida e precipitada.

O trabalho de Caetano de Sousa não sabemos que recebesse o beneficio da imprensa: o de Raphael Bluteau vem nas suas *Prosas Portuguezas* sob a designação de *Prosa Enigmatica*. Bem applicado titulo! O leitor não perderá de todo o seu tempo se recorrer áquelle volume, porque terá ensejo de apreciar as qualidades do estylo e os recursos imaginosos, a par do profundo saber, do illustre auctor do *Vocabulario*.

Bluteau discreteia sobre a sciencia da cabala e faz d'ella applicação ás letras do calice. Depois de muito cabecear sobre o assumpto, o acaso fez-lhe descobrir duas palavras e isto lhe serviu de guia no labyrintho. Não nos revelou, porém, o segredo da sua descoberta, e porisso não nos é dado avaliar quanto se deva julgar provavel, já não diremos infallivel, a solução que elle deu ao problema. O calice continha 137 letras esmaltadas na circumferencia e na garganta, formando-se portanto com ellas duas inscripções distinctas, uma mais extensa, de caracter puramente religioso, que dizia respeito á consagração do calice, outra de caracter historico e artistico, que ornamentava a garganta. Esta é a que nos interessa e aqui a reproduzimos:

Ioakim Kludphik Fudi, Bolduk. A. D. Mil C. LXXXVII.

Em seguida á sua *Prosa Enigmatica* Bluteau publicou outra interpretação, que lhe enviou um anonymo, magnifico charadista ao que parece. Eis a sua advinhação:

Hyeronymus Ioachin Operator Domini regis fecit calicem hunc Kalendas Octobris ex jussu Bernardi Abbatis Gubernatoris Mnasterii Alcobaciae nove erecti invocationis Sanctæ Mariæ Virginis veré initiati nostro tempore.

[1] Pela extincção dos conventos, o calica foi recolhido na sub-prefeitura de Lamego, que o enviou para a Casa da Moeda. Vinha em fragmentos, e, na viagem de Lamego a Lisboa, já lhe tinham diminuido alguma cousa no peso. De 10 marcos, 3 onças e 2 oitavas passou a ter 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas. Uma portaria de 20 d'outubro de 1835 mandou-o entregar ao museu da Bibliotheca Publica. O sr. Teixeira de Aragão, que consultou o archivo da Casa da Moeda, publicou em nota a pag. 98 da sua *Descripção Geral e Historica* os documentos relativos a este assumpto.

Parece-nos superfluo fazer a analyse e a critica d'estas interpretações, que se poderiam multiplicar indefinidamente, segundo a phantasia de seus auctores, sem que nenhuma, a não ser por acaso, correspondesse á verdade historica. O que nos admira é como um homem technico, como era Murphy, se limitasse a traduzir a memoria de Bluteau, adoptando a sua conclusão como a que tinha mais grau de probabilidade.

Bluteau transmitte-nos a tradição encontrada que ácerca do calice corria no convento. Não menos de tres versões, qual d'ellas a mais contradictoria: uns diziam que elle fôra doação de D. Affonso Henriques, ou de seus immediatos successores; outros que fôra fabricado com as joias de D. Ignez de Castro, com que D. Pedro gratificara o convento; outros emfim que fôra dadiva de D. Manuel. Haveria fundamento para alguma d'estas versões? Vejamos.

A interpretação de Bluteau é a que mais se conformava com a primeira, pela época que lhe designava. Duas maneiras havia de fazer a confirmação: ou por algum documento comprovativo ou pelo exame directo do calice.

O ladrão que o roubou deixou ficar a patena, que ainda existe, e se esta effectivamente lhe pertencia, o calice não poderia ser de modo nenhum do seculo XII. As obras d'aquella época ou são do estylo gothico primitivo ou conservam ainda as feições bysanthinas. O caracter estylistico da patena é muito differente; e se não é renascença pura, para lá caminha[1].

A parte documental tambem não favorece a hypothese de Bluteau. Existe um inventario da sachristia de Alcobaça dos principios do seculo XVI, e se lá se archivasse similhante preciosidade, não deixaria de ser devidamente especificada. Fez-se menção com effeito de dois calices de ouro, mas não nos parece que qualquer d'elles corresponda ao objecto em questão. Um d'elles, o grande, com a sua patena, de pedraria, lavrado de fina grana com aljofres, faltando no pé nove pedras e na maçã dezenove. Do aljofre não se fez conta por ser muito miudo. Do pequeno só se diz que é todo cheio, ou de pedraria ou de aljofre. Ambos elles muito ricos e muito reaes.

Sousa Viterbo.

(Conclue.)

Anniversarios da semana

Domingo 15 — As sr.as: Viscondessa de Bessone, D. Rosa Maria Sampaio d'Almeida da Camara Manuel, D. Leonarda Thereza Pereira Forjaz, D. Maria Jorge de Sousa Cysneiros.

E os srs.: João de Sousa Canavarro (Arcossó), Pedro Cerqueira Feyo (Boa Vista), Francisco Antonio da Veiga.

Segunda-feira 16 — As sr.as: Viscondessa da Torre da Murta, D. Marianna Julia da Silva Pereira (Antas), D. Perpetua Moreira Marques, D. Amelia Adelaide Mariz Sarmento, D. Maria Ignacia de Sousa Neto.

E os srs.: Arcebispo Primaz, D. Antonio José de Freitas Honorato, Conde da Vidigueira, Conde de Ariz, Visconde de Pereira Machado, Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso (Amparo).

Terça-feira 17 — As sr.as: Condessa da Esperança, D. Anna de Carvalho Ayres Valdez, D. Maria da Graça Garção de Moraes, D. Maria Carolina Delgado, D. Maria Ignacia de Sousa Netto.

E os srs.: Conde de Font'Alva, Conde da Esperança, Dr. Francisco Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio (Arneiros).

Quarta-feira 18 — As sr.as: D. Beatriz Gentil Baeta Neves (Louredo), D. Carolina Candida Cabral, D. Anna Candida Pereira Falcão, D. Maria Ignacia Braamcamp de Mattos Fernandes.

E os srs.: Arthur Peixoto Ferreira Jordão (Landal), Dr. Antonio Xavier d'Oliveira Barros Leite, Diogo Freitas de Mello e Castro, José Severo Tavares.

Quinta-feira 19 — As sr.as: D. Leonor Amelia Vieira de Mendonça (Abrigada), D. Maria Julia Travassos Valdez (Bomfim), D. Maria das Dôres Sequeira de Moraes Sarmento, D. Leopoldina da Costa Sousa Pinto Basto de Carvalho, D. Anna Joaquina da Silva Carvalho, D. Eugenia de Arbués Moreira, D. Maria Amalia da Rocha Arbués Moreira.

E os srs.: Conde de Rezende, Barão de S. João d'Areias, D. João da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella), D. Ruy Vaz de Siqueira Freire (S. Martinho), D. Fernando de Sousa Coutinho (Redondo), José Ricardo Travassos Valdez (Bomfim), Dr. José Ferreira Garcia Diniz, Pedro d'Alcantara Quintella Emauz.

Sexta-feira 20 — As sr.as: Condessa de Prime, D. Maria Camilla de Mendonça, D. Julia da Ponte Horta, D. Izabel Van Zeller.

E os srs.: Visconde da Costa Veiga, Felix Bernardo Daupiás, José Maria de Sousa Horta e Costa, Eduardo Garrido, Albino Montenegro.

Sabbado 21 — As sr.as: Baroneza de Ribeira de Pena, D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes, D. Amelia Berquó.

E os srs.: Visconde de Bovieiro, Conselheiro Caetano Pereira Sanches de Castro, Luiz Sergio Lopes de Castro, Diogo Pereira de Sampaio Forjaz.

THEATROS E CIRCOS

Grillos e *Anastacia & C.a*, no Gymnasio; *Brazileiro Pancracio*, na Trindade; *Cofre dos encantos*, na Rua dos Condes, e *Viagem á Suissa*, no Colyseu: eis os espectaculos d'esta semana, e que são a repetição do que succedeu na semana anterior.

Devia abrir-se hontem, em recita especial, o theatro da Avenida, com a *Lenda do rei de Granada*. A emprezaria da companhia é a gentil e graciosa artista Cinira Polonio. O *maestro* é Cyriaco de Cardoso.

Ora, uma empreza que tem estes dois nomes, póde considerar-se feliz e contar com um exito constante em todas as representações.

Se basta só a bandeira para salvar a mercadoria, o que succederá sendo essa mercadoria de optima qualidade, escolhida por quem conhece bem o assumpto e o gosto do nosso publico?

No proximo numero falaremos mais detidamente d'este theatro.

*

Praça de touros

Hoje, corrida por amadores e em beneficio de uma obra philantropica. O gado é escolhido, e os lidadores são sympathicos.

Deve ser uma enchente.

Spectator.

[1] Esta patena, que se conservava ultimamente no Museu Nacional de Bellas Artes, foi enviada á exposição colombina de Madrid, onde figurou na secção portugueza. Não se encontrou, porém, no regresso a Lisboa, não se podendo precisar, ao que consta, onde teria sido o seu extravio. Triste sina persegue o calice d'Alcobaça!

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1